



A POLÍTICA É SEMPRE
A MESMA

A sucessão presidencial de Epitácio Pessoa muito preocupava a Antônio Sales que em vários artigos na imprensa fortalezense abordaria a questão em defesa da candidatura Bernardes.¹

Às eleições de 1º de março de 1922 concorreram o ex-presidente de Minas Gerais, Artur da Silva Bernardes, e Nilo Peçanha, este contando com o apoio de uma forte coligação, a Reação Republicana. Dezesete unidades da Federação apoiavam a chapa Bernardes-Urbano enquanto Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul defendiam o binômio Nilo-Seabra.

Eram divulgadas em outubro de 1921 algumas cartas ofensivas aos brios do Exército brasileiro e injustamente atribuídas a Artur Bernardes. O ofendido dirigia à Nação um Manifesto afirmando sua inocência e denunciava a trama criminosa de que estava sendo vítima. Viaja para o Rio e é lá recebido com uma chuva de tomates e ovos podres. Grafólogos são convocados e ao final Jacinto Guimarães e Oldemar Lacerda, inimigos de Bernardes, confessavam em cartório a autoria das missivas.

Aqui pelo Ceará Antônio Sales não escondia seu entusiasmo pelo candidato mineiro. O Clube dos Diários oferecia grandiosa recepção ao presidente do Estado, Justiniano de Serpa, por ocasião de seu aniversário natalício, a 6 de janeiro. E nessa oportunidade num discurso imponente, o homenageado elogiava a personalidade de Bernardes, apontando-o como o mais idôneo para presidir os destinos da República.

Achava Antônio Sales que Bernardes certamente continuaria a obra de Epitácio, não havendo, assim, solução de continuidade na salvação do Nordeste. *“Por ora, afirmava ele, minha consciência me diz que devo apoiar o governo da República, Epitácio, o do Ceará, Justiniano e o candidato da Convenção, isto é, Artur Bernardes”*. Todavia, o entusiasmo demonstrado por Antônio Sales à candidatura Bernardes não era o mesmo quando da de Rui Barbosa.

A Águia de Haia já não se apresentava o mesmo combatente intolerante. A idade cobrava-lhe tributo. Passou a ser indulgente. Cansado, em 10 de março de 1921 renuncia à senatoria pela Bahia. O país não aceitou nem se con-

formou com tal decisão. E a 5 de junho sua Bahia, liderada pelo próprio governador baiano Seabra e a quem ele tanto esgrimira, o reelegia.

Ainda nesse mesmo mês outra reconciliação, a de Rui com o Marechal Hermes, velhos adversários. Visitam-se mutuamente. É chegaram os maledicentes a acusar Rui de volúvel e desmemoriado. . . Não se apercebiam que o gigante, com seus setenta e dois anos de idade, não encontrava forças para continuar na arena.

Também Antônio Sales não compreendia as atitudes conciliadoras de Rui, apertando a mão de Seabra e a de Hermes. E declarava que se Rui agora viesse a ser candidato dos dissidentes negaria a ele o seu aplauso. E dizia categórico: *"Se Rui renega o seu passado, se desmancha com os pés a obra formidável que fez com as mãos, eu não me considero obrigado a acompanhá-lo na sua retirada da senda do dever cívico, no seu repúdio às idéias e aos princípios em cuja defesa produziu os tremendos libelos ante os quais empalidecem as catilinárias e as verrinas de Cícero"*.

Não resistiu muito Rui Barbosa aos aborrecimentos, ao peso da idade e à doença e no dia primeiro de março de 1923 cerrava os olhos para sempre.

Antônio Sales nunca perdoaria ao Cícero Nacional o ter mudado suas convicções. Nada de concessões. E embora considerasse o nosso grande brasileiro um astro, o sol maior de nossa intelectualidade, nem por isso se resignaria a representar o papel de uma planta heliotrópica submissa aos caprichos da evolução do sol.

Mas deixaria marcado, neste soneto, toda a sua admiração por um brasileiro que dominou com a sua palavra e com suas atitudes as fases tumultuosas da Monarquia e da República:

*"Para abater o Império o Rui foi convidado,
e para o Provisório igual requisição
teve, e logo assumiu o encargo bem pesado
de alinhar à pressa uma Constituição.*

*No regime legal eis o país entrado,
e a pasta da Fazenda é-lhe outorgada então.
Tempos do Encilhamento! Ó tempos do Eldorado!
Da fortuna e da glória indelével padrão!*

*Vem Floriano: a Revolta estoura na baía;
surge na arena o Rui batendo a tirania,
vem o Atentado e o Rui surge de espada e capa.*

*No Código Civil, no Acre, eternamente
o Rui. E da Bahia há de ser presidente
se ele não preferir. . . ser escolhido Papa."*



Candidatos às eleições previstas para janeiro de 1938 — o que não iria acontecer — o paulista Armando Sales de Oliveira, o paraibano José Américo de Almeida e o também paulista Plínio Salgado.²

Parecia que o Brasil estava dividido em dois campos diametralmente opostos: um, simbolizava as regiões mais desfavorecidas do nosso país, José Américo; outro, as tendências conservadoras, Armando Sales.

Antônio Sales tomara partido do Governador do Estado mais rico da União com um ardor, um entusiasmo bem fora do comum. Soares Bulcão, de certa feita, relatava esse aspecto interessante do nosso poeta de Paracuru: *“Tomava logo posição saliente, de acordo com os seus princípios e idéias, intransigentemente, mesmo ao lado de qualquer partido político, mas sem ligações incondicionais. Era de uma lealdade sem limites, desassombrado, mas um franco-atirador, capaz de ficar sozinho na trincheira”*.

No Correio do Ceará de 6 de julho de 1937 saía o seu artigo *É Este o Homem*. Nele figurava o Brasil como um navio prestes a afundar enquanto o povo — seus passageiros — dançava indiferente ao perigo. Conclamava que se sufragasse nas urnas o nome de Armando Sales,³ candidato que reunia três qualidades marcantes: capacidade, patriotismo e honestidade. Lembrava que ao jovem estadista coube a difícil missão, e da qual saiu galhardamente, de reger os destinos de São Paulo ainda machucado pela Revolução Constitucionalista. E rematava: *“Como brasileiro alheio ao partidarismo, como intelectual que ama a Democracia e deseja vê-la restaurada nos seus nobres princípios e dignificada pela prática das virtudes cívicas que constituem os mandamentos de sua doutrina, venho trazer meu protesto de desinteressada admiração ao estadista que deve ser o candidato de todos os homens que amam nossa Pátria acima de tudo e querem vê-la próspera, tranqüila e feliz”*.

NÓTULAS

- ¹ Algumas crônicas políticas de Antônio Sales em torno de Epitácio Pessoa: A Convenção e as Dissidentes; O Momento; O Momento Político; O Discurso do Presidente Justiniano de Serpa; Acusações Ineptas; Os Perturbadores; O Manifesto; O Dever dos Cearenses; Na Véspera da Vitória; Frutos do Nilismo; Resposta à Tribuna; Ponto Final.
- ² Qual dos Três? revista de Luís Iglésias e Freire Júnior, levada no Teatro Recreio a 23 de outubro de 1937. Última revista política do dentista, maestro, pianista, compositor e empresário Freire Júnior.
- ³ Candidatura Oficial e Passado e Presente, dois artigos de Antônio Sales pugnando pelo candidato Armando Sales.